

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta de VitóriaClass.: 334Data: 08.01.88

Pg.: _____

190

Balbina — o fim dos Waimiri-Atroari

Carmen Michels

Na cidade de Salvador, na Bahia, o cartunista Paulo Serra realizou em abril p/p uma exposição chamada "Índio: missão viver". Um mês depois, na Alemanha Ocidental, como que assisti uma resposta à boa vontade de brasileiros, pois em Bonn, na Universidade, um grupo de estudantes de Etnologia promoveu uma noite a favor da vida dos índios brasileiros. Com uma conferência, debates, apresentação de um filme rodado no Norte, o interessado público tomou conhecimento de que, no Brasil, a "missão viver" dos índios é dificultada de todas as maneiras...

Pois, por exemplo, os povos Waimiri-Atroari, que vivem na região amazônica, antigamente habitavam terras até as proximidades de Manaus. Em 1968, à época da ditadura militar, se construiu a estrada BR-174, de Manaus a Cacarai, em Roraima, que passa exatamente no centro da região habitada pelos Waimiri-Atroari. De 3 mil índios, sobraram menos de 1000, dizimados por epidemias e assaltos a mão armada. Nessa noite em Bonn, como brasileira, gelei, ao ouvir as palavras: "Até hoje o governo brasileiro não tomou posição quanto a esse massacre".

Em 1971, o presidente Médici declarou parte das terras dos Waimiri-Atroari zona interdita, o que, como se sabe, é o primeiro passo para a criação de um Reservado. Segundo Art. 4 e 198 da Constituição brasileira, os índios são

os únicos usufrutuários das riquezas de um Reservado. Em 1973, então, a zona interdita foi transformada em Reservado, com uma superfície de 1.661.900 hectares, pouco mais tarde, em 1974, foram acrescentados 704.900 ha de terras ao Reservado. A existência dos Waimiri-Atroari parecia garantida.

Todavia, as coisas vieram de outra forma: pelo decreto de 23 de novembro de 1981 (Nº 86.629), os índios se viam ameaçados de serem exterminados, pois o presidente Figueiredo decretara o retorno do Reservado a zona interdita. Além disso, foram separados 31 por cento das terras do ex-Reservado, em se alegando não viverem mais índios nessa região. Interessante se saber como se chegou a essa conclusão: uma equipe da FUNAI sobrevoara a região, não conseguindo localizar vestígios de índios...

Ora, num Reservado os índios são usufrutuários exclusivos de todas as riquezas, ao se descobrirem jazidas de estanho na região, avaliadas em 3 bilhões de dólares, não convinha deixar essa fortuna aos indígenas. Lembrei, a essa altura da conferência, as palavras de Milton Severino e de Paulo Serra: "Já pensou o que seria de nós se: a nossa terra fosse invadida por seres ditos "civilizados", com armas poderosas que jamais vimos ou sonhamos? Nossas casas destruídas, nossas famílias massacradas, sem ao menos pouparem as crianças, as mulheres e os velhos, restando aos sobreviventes a fome, as doenças e a marginalização? A natureza devastada e poluída, nossa cultura esmagada pelos invasores? "Já que, fiquei sabendo que, com a exploração das jazidas de estanho pela Paranapanema, conforme es-

clarece o Cimi, as águas do rio Pitinga foram tão poluídas, que o rio, antes piscoso, só tinha peixes mortos, envenenando índios e outros habitantes daquela região. Em 1983, a Paranapanema construiu uma ligação da mina à BR-174, passando por dentro da zona interdita habitada pelos Waimiri-Atroari. Nova invasão, pois...

Agora, o golpe final nos Waimiri-Atroari: com a construção da barragem de Balbina, sob protestos nacionais e internacionais, serão inundados cerca de 400 mil hectares de terras para a produção ridícula de somente 250 MW. Mais poluição das águas, maior mortalidade indígena. "Índio: missão viver" — mas como? Mas, quem sabe, nem tudo está perdido, embora os Waimiri-Atroari, tenham se reduzido de 6 mil, em 1905, para 350 índios, atualmente, quando se vêem esforços como em Salvador, procurando conscientizar a população sobre a dizimação de nossos índios, ou como na Alemanha, em que vários grupos, reunidos na "Campanha a favor da vida na Amazônia" tomam iniciativas em prol da conservação dos índios e das reservas naturais na Amazônia, se fica com novas esperanças. Por isso, também assinei a lista de abaixo-assinados, que corre pela Alemanha toda: um apelo ao presidente Sarney, ao ministro de Desenvolvimento e de Reforma Agrária, ao ministro do Interior, ao presidente da FUNAI — uma carta, que termina com o dramático pedido "Balbina não deve ser inundada, antes que seja garantido o direito fundamental de sobrevivência dos Waimiri-Atroari".